

O Real e o Imaginário em Chico, Drummond e Edson Coelho

* Sérgio Antonio Sapucahy da Silva

I - Introdução:

O objetivo deste trabalho é apreciar, através da leitura analítica de textos poéticos, a forma como a Literatura proporciona ao leitor ampliar seu conhecimento do Homem e, portanto, da Sociedade, sem comprometer a sua autonomia no processo criativo.

Três textos foram escolhidos como arcabouço para esta verificação sobre a presença do real na construção do imaginário: Meu Guri de Chico Buarque, Morte do Leiteiro de Carlos Drummond de Andrade e Bandeira de Edson Coelho.

Meu Guri

Quando, seu moço, nasceu meu rebento
não era o momento dele rebentar
Já foi nascendo com cara de fome
e eu não tinha nem nome pra lhe dar
Como fui levando ele a me levar
e na sua meninice ele um dia me disse
que chegava lá, olha aí, olha aí,
olha aí, ai o meu guri, olha aí,
olha aí, é o meu guri e ele chega
Chega suado e veloz do trabalho e traz sempre
um presente pra me encabular
tanta corrente de ouro, seu moço
que haja pescoço pra enfiar
Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro
chave, caderneta, terço e patuá
um lenço e uma penca de documentos
pra finalmente eu me identificar, olha aí
Olha aí, ai o meu guri, olha aí
olha aí, é o meu guri e ele chega
chega no morro com o carregamento
pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador
Rezo até ele chegar cá no alto
essa onda de assaltos tá um horror
Eu consolo ele, ele me consola
boto ele no colo pra ele me ninar

de repente, acordo olho pro lado
e o danado já foi trabalhar, olha aí
olha aí, ai o meu guri, olha aí
olha aí, é o meu e ele chega
chega estampado, manchete, retrato
com venda nos olhos, legenda e as iniciais
eu não entendo essa gente, seu moço
fazendo alvoroço demais
O guri no mato acho que tá rindo
acho que tá lindo de papo pro ar
desde o começo eu não disse, seu moço
Ele disse que chegava lá
olha aí, olha aí
olha aí, ai o meu guri, olha aí
olha aí, é o meu guri.

Chico Buarque

Literatura e Realidade em “Meu Guri”

Diante dos versos de Meu Guri percebe-se, de imediato, a existência de um “modo extraordinário de ser real”¹. Sem dúvida, a função referencial é indispensável à manifestação artística, ainda que o imaginário seja uma das categorias básicas desta. Em certos casos, como na Lírica, o afastamento tende a ser o maior possível. Tais ocorrências, no entanto, em vez de negar a presença do real no literário o relevam, pois sem ele a palavra literária nada diria: “Um poema puro não poderia ser composto de palavras e seria literalmente indizível”. Feito de palavras, mesmo que não apenas delas, o poema liga-se de maneira irrecusável ao mundo das coisas, enfocando o homem e seu percurso histórico.

Nesse primeiro texto escolhido para nossa análise, tudo revela esta extraordinariedade em que se transforma o real no contexto poético. Caminhando inicialmente pelas sendas da

Estilística, observamos no possessivo empregado no título, e que se repete no refrão, como o seu sentido ultrapassa o campo semântico da propriedade, impregnado pela afetividade da relação materna a qual ele indicia de pronto. O título, enquanto manifestação do discurso direto, desperta o leitor para as vozes do poema e anuncia sua forma narrativa. Quem fala é a mãe apaixonada por sua cria; é também o poeta que lhe dá voz e a pede emprestada para expressar e questionar esse amor materno. Quem ouve é o “seu moço”, um eventual confidente e, noutra dimensão, a própria sociedade. Este receptor encarnado pela sociedade, inverte-se em emissor na leitura do poema, quando esta é referida como produtora desses gurus. Por outro lado, nada tão coloquial e tão poético como esse meu guri do título.

A leitura do poema nos permite vê-lo como uma elegia, ainda que o tom de lamento fique mais por conta da musicalidade e a tristeza, na decodificação do leitor e na intenção do autor implícito. No ponto de vista da personagem-narradora, o poema é também uma síntese épica, na qual concentram-se, em poucos versos, nascimento, vida e glorificação do herói pela morte. O “Logos”, linguagem da realização, segundo Heraclito, ou os “mecanismos da ação criadora”, conforme Carneiro Leão, estão em plena atividade. Instaure-se a função lúdica, à medida em que o poema se faz um jogo de revelações entre seus participantes: criador / autor implícito / personagem / leitor. O herói da personagem narradora é o anti-herói do leitor. Na concepção daquela estamos diante do herói e seu percurso de grandes feitos, muito próximo do herói épico, em que pese a sua origem humilde. A mãe rejeita a imagem da morte, tomando-a como a glória sonhada. Com essa atitude, incorpora alguns dos valores que fundamentam a sociedade capitalista, entre eles a glorificação através dos meios de comunicação de massa. Massacrada por esse contexto, não se apercebe, ao contrário, incorpora o comportamento burguês. Os valores e procedimentos da burguesia são assumidos pela personagem inversamente.

Assim, o trabalho com o fim da aquisição de bens materiais:

“Chega suado e veloz do batente e traz
sempre / um presente pra me encabular /
tanta corrente de ouro, seu moço /
que haja pescoço pra enfiar.”

Chega de novo com o carregamento /
pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador.

de repente, acordo olho pro lado /
e o danado já foi trabalhar...”

Assim, também, a necessidade de ser reconhecido como alguém, através de documentos
(Projeto Cidadania):

“um lenço e uma penca de documentos
pra finalmente eu me identificar...”

As mazelas sociais, como fotografias, são mostradas pelas lentes invertidas do amor materno: miséria, infância abandonada, delinquência, fama...

Ao contrário de outras obras que desenvolveram tema semelhante (“Infância dos Mortos...”, “Pixote: a lei do mais fraco”), a função social do poema não se explicita; suas denúncias, seu conteúdo ideológico, permanecem latentes, a espera do leitor a quem caberá decifrá-los, razão pela qual, nessa obra, Chico Buarque vale-se tanto da Ironia como motor de sua criação.

A personagem narradora começa sua narrativa inserida no real, é o momento do nascimento e da extrema miséria dessa ocasião. Mas já se instaura o poético na forma de contar este momento por meio das metáforas rebento / rebenta.

“Quando, seu moço, nasceu meu rebento
não era o momento dele rebentar já
foi nascendo com cara de fome e eu
não tinha nem nome pra lhe dar”

Sua narrativa revela a inoportunidade do nascimento e a associação entre rebento / rebentar, configurando-o como uma explosão, misto de dor e alegria. A miséria evidencia a questão do anonimato; era um ser sem nome, daí sua ânsia de crescer, tomando-se alguém (“... ele um dia me disse / que chegava lá...”). Em seguida, ela recusa a realidade que a cerca e cria o seu próprio real: a fantasia. É o percurso heróico do filho; é o amor filial extremado que não a esquece, reservando-lhe alguns dos bens amealhados; é o trabalho exaustivo; é a preocupação com a violência. O poema vai-se alinhavando neste percurso no qual se vislumbra algo do amor edipiano na relação mãe / filho, a grandeza na recusa da morte, a visão da glória.

Nessa percurso, o poeta se utiliza do registro lingüístico das camadas mais populares para dar

voz as suas personagens, aproximando-as em grau máximo da realidade, conferindo-lhes verossimilhança, na construção de seus versos, apreendendo a beleza nele existente. Com esse recurso, o coloquial se faz poesia e do real se torna o material para a sua criação. No emprego de guri para nomear o herói, indicia-se a geografia do poema; em vez de moleque, piá ou garoto, por exemplo, o termo carioca por excelência. A destacar também a cadeia fônica fechada do vocábulo escolhido, fechamento materializado na reunião de consoantes velares com vogais velar e palatar, ambas fechadas, produzindo sons abafados consoantes à atmosfera trágica do poema. As expressões “olha aí”, “aí”, “meu guri” formam o refrão, o qual, com base no alongamento da vogal “i”, constrói o lamento, divisor de texto nas três fases da história do herói: nascimento, vida, morte (glória). Nele verifica-se o aproveitamento do popular tanto a nível do vocabulário quanto da estrutura, assinalada pelo recurso da repetição na fala em substituição aos conectivos como forma de seqüenciar a construção do pensamento. Chico Buarque faz uso deste recurso na construção de anadiploses com o verbo chegar:

“olha aí, e o meu guri ele chega
Chega suado e veloz de batente e
traz sempre”

.....
“olha aí, é o meu guri e ele chega
Chega no morro com o carregamento”

.....
“Olha aí, é o meu guri e ele chega
chega estampando, manchete, retrato”

Dessa forma, a idéia de chegar associa-se a de realizar, apresentando a ação de cada etapa da narrativa e a conclui com o verso:

“Ele disse que chegava lá.”

Outra riqueza do coloquial urbano aproveitado no texto está no emprego do pronome sujeito como pronome objeto, criado pelo poeta na inversão do pronome objeto sujeito de infinitivo no verso “Como fui levando ele a me levar”, para destacar a dubiedade na determinação do agente de levar, de fato inexistente, visto que mãe e filho são na verdade pacientes. A mesma ocorrência, sem a característica de sujeito de infinitivo, retorna quase ao final da história, num momento de grande ternura do poema, para assinalar a reciprocidade.

“Eu consolo ele, ele me consola boto
ele no colo pra ele me ninar”

Nesse contexto em que a linguagem produz o duplo efeito citado por Alain Badiou, presença e significação, dois outros momentos do texto merecem registro. Trata-se das expressões “danado” e “de papo pro ar”, denotando, respectivamente, aquele que se supera (“Ele é um danado!”) e repouso (“Vou ficar de papo pro ar”). Novamente o registro irônico para o qual chamamos a atenção no início do trabalho, valendo assinalar a presença no texto de ambas as formas da Ironia, literal enquanto figura do pensamento, e do destino como processo análogo ao ficcional que, por si só, permitiriam uma outra abordagem do texto.

Como se vê, o levantamento do uso do registro coloquial no texto nos proporciona o entendimento de que o poema, como linguagem, concretiza a relação Poesia-Arte X Realidade-Sociedade, mostrando aquela como recriação desta, “uma atividade de duplo aspecto: libertação e controle de imagens e estruturas.”³

O Plano Ideológico

Sem ignorar o papel de Meu Guri como produto de consumo, mas entendendo a submissão voluntária do artista ao sistema de mercado como uma forma irônica de atingir a sociedade por ele denunciada com os próprios mecanismos dela, é que passamos a refletir dentro do propósito de estudar a relação entre Literatura e Realidade sob o enfoque da presença do ideológico no poema. Para isto nos valeremos de algumas proposições de Pierre Macherey e Alain Badiou sobre a questão já analisada em trabalho anterior deste aluno. Ambos negam a tradição marxista que vê a obra de arte como um reflexo real da vida, classificando-a como forma ideológica (“obra útil”; “A arte é ideologia”; “A arte diz a verdade”). Para o primeiro a obra é uma metáfora do visível ideológico, uma amostragem (“...obra não é o que traduz a ideologia, nem tampouco o que a apaga: ela é o que a torna visível, decifrável...”) ⁴. Assim, podemos entender com ele que o ideológico toma uma expressão artística. Para o segundo, não sendo a obra ideologia ou ciência, cria, porém, um efeito de presença (Realidade) e de significação (Ideologia) por meio de uma inversão cujo método é uma dupla articulação. Literalmente: “Se a ideologia produz o reflexo imaginário da realidade, em contrapartida o

efeito estético produz a ideologia como realidade imaginária. Pode-se dizer que a arte repete no real a repetição ideológica desse real. Contudo, a inversão não reproduz o real: realiza o reflexo dele.”⁵

Podemos então afirmar que o poema produz uma realidade imaginária na qual se insere a Ideologia vista como a totalidade das concepções culturais de um determinado agrupamento humano numa determinada fase de sua evolução histórica. Esta ideologia, propositalmente grafada com maiúsculas, expressa as ideologias do dominante e do dominado.

Retornando ao texto, vemos que o poeta constrói sua personagem-narradora idealizada no amor materno extremado, fazendo-a ver a realidade pelas lentes da fantasia. Alienando-a faz refletir no seu comportamento, a ideologia capitalista da qual é vítima. O discurso social não alcança a personagem, mas é decodificado pelo leitor virtual. No mesmo enfoque, o pivete se faz herói. O eu-poético faz surgir o ideológico ao estetizar a tragédia do menor delinquente. Dessa maneira, o efeito estético produz a ideologia como realidade imaginária. A linguagem poética conduz à dupla tragédia da miséria: sofrimento e alienação. A mãe alienada representa a vitória da ideologia do dominante, no massacre imposto ao dominado. O amor materno sancionado pela sociedade burguesa e usado para denunciar esta mesma sociedade na flagrante culpa pela delinquência.

“Olha aí, aí o meu guri, olha aí
olha aí, é o meu guri, e ele chega
chega estampado, manchete, retrato
com venda nos olhos, legenda e as
iniciais / eu não entendo essa gente,
seu moço / fazendo alvoroço demais

O guri no mato acho que tá rindo /
Acho que tá lindo de papo pro ar
desde o começo eu não disse, seu moço?
Ele disse que chegava lá.”

Concluindo, compreendemos que a obra, através do seu “logos” toma o real como tema, mas não o reproduz como um espelho. Ao contrário, ele é um espelho quebrado, cujos fragmentos mostram as mil faces desse real. Desse modo, capta-se no texto todas as nuances do drama do menor carente na sua caminhada na delinquência: a busca do sucesso nos padrões burgueses, o amor filial e materno como sentimentos vivos pairando acima das injustiças do sistema de classes, a violência da sociedade capitalista, o sensacionalismo.

Morte do Leiteiro

I
Há pouco leite no país
é preciso entregá-lo cedo.
Há muita sede no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há no país uma legenda,
que ladrão se mata com tiro.

II
Então o moço que é leiteiro
de madrugada com sua lata
sai correndo e distribuindo
leite bom para gente ruim.
Sua lata, suas garrafas,
e seus sapatos de borracha
vão dizendo aos homens no sono
que alguém acordou cedinho
e veio do último subúrbio
trazer o leite mais frio
e mais alvo da melhor vaca
para todos criarem força
na luta brava da cidade.

III
Na mão a garrafa branca
não tem tempo de dizer
as coisas que lhe atribuo
nem o moço leiteiro ignoro,
morador na Rua Namur,
empregado no entreposto,
com 21 anos de idade,
sabe lá o que seja impulso
de humana compreensão.
E já que tem pressa, o corpo
vai deixando à beira das casas
uma apenas mercadoria.

IV
E como a porta dos fundos
também escondesse gente
que aspira ao pouco de leite
disponível em nosso tempo,
avancemos por esse beco,
peguemos o corredor,
depositemos o litro...
Sem fazer barulho, é claro,
que barulho nada resolve.

V
Meu leiteiro tão sutil
de passo maneiro e leve
antes desliza que marcha.
É certo que algum rumor
sempre se faz: passo errado,
vaso de flor no caminho,
cão latindo por princípio,
ou um gato quizilento.
E há sempre um senhor que acorda,
resmungando e torna a dormir.

VI

Mas este acordou em pânico
(ladrões infestam o bairro)
não quis saber de mais nada.
O revólver da gaveta
saltou para sua mão.
Ladrão? se pega com tiro.
Os tiros na madrugada
liquidaram meu leiteiro.
Se era noivo, se era virgem,
se era alegre, se era bom,
não sei,
é tarde para saber.

VII

Mas o homem perdeu o sono
de todo, e foge pra rua.
Meu Deus, matei um inocente.
Bala que mata gatuno
também serve pra furtar
a vida de nosso irmão.
Quem quiser que chame médico,
polícia não bota a mão
neste filho de meu pai.
Está salva a propriedade.
A noite geral prossegue,
a manhã custa a chegar
mas o leiteiro estatelado ao relento,
perdeu a pressa que tinha.

VIII

Da garrafa estilhaçada,
no ladrilho já sereno
escorre uma coisa espessa
que é leite, sangue... não sei.
Por entre objetos confusos,
mal redimidos da noite,
duas cores se procuram,
suavemente se tocam
amorosamente se enlaçam,
formando um terceiro tom
a que chamamos aurora.

III - Morte do Leiteiro.

Após a escolha do poema *Meu Guri* para iniciar este trabalho de análise através de textos da relação entre o real e o imaginário, um prolongamento de outro, procurou-se outro poema com o qual fosse possível estabelecer um certo paralelismo temático. Encontramos, então, em “Morte do Leiteiro” de Drummond ecos de nossa leitura do poema de Chico Buarque. Ambos abordam o tema da morte: no primeiro, esta foi lida como forma de glorificação (a morte purifica; martírio glorifica); no segundo, talvez caiba leitura similar. Ambos remetem a questão do trabalhador: o pseudo - trabalhador assassinado por um provável esquadrão - da - morte e o trabalhador real, confundido no

exercício de sua profissão com um ladrão. Em ambos a ironia, mecanismo inerente à criação Literária, conforme ensina Diaz Migoyo, proporcionando uma leitura crítica da sociedade.

No Plano Estilístico

Em “Morte do Leiteiro” certos aspectos formais fazem-nos supor, de início, que a realidade está mais próxima do que no texto anterior, como se os mecanismos da criação poética tivessem sido usados com menor intensidade. Uma leitura rápida parece-nos dizer que do referencial ao poético contornou-se o lúdico. Para isto concorrem a narrativa em forma de crônica em versos, se dermos asas à imaginação seria crível pensar o poema saído das páginas policiais de um vespertino qualquer, bem como os elementos descritivos de forte apelo visual (leite, vaso de flor, sangue, revólver...) aos quais ROLAND BARTHES credita, em “O Efeito do Real”, uma finalidade importante na instituição literária como forma de expressar o belo. Nossa tarefa é, portanto, verificar em que grau o poema se identifica com a realidade a qual retrata.

A primeira estrofe funciona como um prólogo. Ao lê-la sentimos que foi feita para o canto (versos em redondilha maior). É como se um coro anunciasse a tragédia. Nela, a inserção no contexto nacional do fato a ser narrado: um episódio do cotidiano. Os sintagmas “pouco leite / muita sede” e “ladrão se mata com tiro” produzem no leitor o chamado efeito de presença. Por que o leite é pouco e há tanta sede no país? Dados exteriores nos informam que o poema pertence à “Rosa do Povo”, primeira edição datada de 1945. Os poemas se escreveram ao longo da 2ª guerra. Tempo de guerra, de racionamentos, de miséria produzindo ladrões. O leite é branco e há muita sede. As consciências estão sujas; é preciso limpá-las. Por outro lado a legenda “Ladrão se mata com tiro” é um aforismo da sociedade fechada, ao diálogo que cultiva verdades inquestionáveis.

A narrativa do fato se inicia com a palavra “então”, trazendo para o poema o coloquial brasileiro no hábito de intercalar ao ato de contar esta denotativa de situação que, no poema dá ao leitor a idéia de narração já em curso. O poeta introduz-nos diretamente na história. Esta nos fala de um moço que madruga para alimentar a cidade. O poeta jamais se libertou da província, ainda que a tenha deixado bem cedo. Habitante da cidade grande, primeiro Belo Horizonte, depois Rio de

Janeiro, ele continua preso à terra, ao campo ("Espírito de Minas, me visita e sobre a confusão desta cidade / onde voz e buzina se confundem / lança teu claro raio ordenador"6). Assim o que vem do campo é bom (o leite é bom, o leiteiro é bom), mas a cidade é má; a vida nela, uma guerra.

.....
sai correndo e distribuindo
leite bom pra gente ruim.

.....
trazer o leite mais frio
e mais alvo da melhor vaca
para todos criarem força
na luta brava da cidade."

Percebe-se que os elementos descritivos de que nos fala Barthes, funcionam no texto como catalisadores do real, conferindo verossimilhança ao fato narrado. A lata, as garrafas, os sapatos de borracha não só proporcionam construção da personagem como tipo, mas também com vaso, gato, cão serão instrumento do trágico.

".....
Meu leiteiro tão sutil
de passo maneiro e leve
antes desliza que marcha.
É certo que alguns rumos
sempre se faz: passo errado,

Na terceira estrofe o poeta nos diz que seu leiteiro é pessoa simplória, inconsciente do papel que desempenha no "theatrum mundi" 7, destaca-se o reforço dessa inconsciência, quando ao final da mesma, por metonímia, o leiteiro é apenas um corpo que distribui leite à porta das casas. Mas o poeta, ao contrário, é possuidor da consciência do mundo e fala pelo leiteiro:

".....
não tem tempo de dizer
as coisas que lhe atribuo"

Ele sabe "o que seja impulso de humana compreensão." E, verdadeiro conhecedor do mundo, adota definitivamente o leiteiro (pelo possessivo meu) e com ele todos os puros, insanos, ignaros

marginalizados pela cidade que os produziu. Tal qual fizera em "Canto ao Homem do Povo Charles Chaplin" assumindo o heterônimo Carlitos, tira-o do anonimato, desvenda seu drama. É a função do poeta como sujeito da História.

"Meu leiteiro tão sutil

.....
Os tiros na madrugada
liquidaram meu leiteiro"

"Colo teus pedaços.

Unidade estranha é a tua, em mundo
assim pulverizado.

E nós, que a cada passo nos cobrimos e
nos despimos e nos mascaramos mal teremos em
ti o mesmo homem.

aprendiz
bombeiro
caixeiro
doceiro
emigrante
forçado
maquinista
noivo
patinador
soldado
músico
peregrino
artista de circo
marquês
marinheiro
carregador de piano

apenas para entregar tu mesmo".8

O poeta quer tirar-nos de nossa indiferente e cômoda posição de espectadores do drama da vida, se não fôssemos também personagens. Faz-nos coparticipar, tornando-nos sujeito da ação que narra:

".....
Avancemos por esse beco,
peguemos o corredor,
depositamos o litro ...

Identificados com a vítima, é preciso conhecer seu algoz. O leiteiro vem de longe, do último subúrbio, "acordou cedinho": o assassino dorme seu sono do proprietário. O poeta o apresenta: um senhor.

A morte do leiteiro remete-nos a questão do tempo na existência humana, a importância do presente na poética de Drummond.

"Se era noivo, se era virgem
se era alegre, se era bom,
não sei,
é tarde para saber"

Estamos rodeados de pessoas e nos recusamos conhecê-las; permanecemos solitários na multidão. Compreendemos desse modo o desencontro entre o leiteiro e o proprietário, na recusa deste de questionar suas verdades. O verso "não quis saber de mais nada" e "é tarde para saber" trazem ao leitor o absurdo de uma relação humana com base na preservação de bens materiais, impossibilitando uma verdadeira convivência.

Na penúltima estrofe, morto o leiteiro, consumada a tragédia, o poeta nos remete ao problema da consciência. Matar é certo? É legal? Lembremo-nos que o poeta coloca no início do poema este aforismo:

"Há no país uma legenda
que ladrão se mata com tiro".

Retoma-o, modificando-lhe a estrutura pela quebra do ritmo: "Ladrão ? se paga com tiro". Ao grito da consciência "Meu Deus matei um inocente", a imediata resposta, descobrindo a postura burguesa da personagem:

"Quem quiser que chame médico,
polícia não bota a mão
neste filho do meu pai.
Está salva a propriedade".

A imagem da garrafa estilhaçada metaforiza a destruição da vida, ao mesmo tempo revela o reconstruir da vida na união do leite e do sangue. Como em "Carta a Stalingrado - ("Em teu chão calcinado onde apodrecem cadáveres / a grande Cidade de amanhã erguerá a sua Ordem") em que a vida renasce da morte.

Ao final do poema, a imagem da garrafa estilhaçada metaforiza a destruição da vida, ao mesmo tempo que revela o reconstruir da vida na união do leite e do sangue. Ainda que a "noite geral prossiga" e a manhã custe a chegar, daquele corpo estendido, já

sem pressa, nasce uma aurora. Esta metáfora da vida que renasce é a esperança de que a poesia agora como função social, possa "reorganizar" o mundo.

Ao contrário do que se imaginou no início da leitura de "Morte do Leiteiro", a construção não se faz diretamente do referencial ao poético. Só na aparência a linguagem é denotativa ("O poeta é um fingidor"). Na verdade quanto mais se aproxima de uma realidade palpável mais densamente poética ela se revela. As metáforas do leiteiro, do leite e do senhor para falar de trabalhador, pureza e, patrão fazem emergir o choque ideológico entre capital e trabalho na sociedade ocidental, um efeito de presença como resultado da articulação da realidade pela poesia.

Bandeira

Traz um pedaço de luar
Onde o ideal possa bordar
Uma bandeira

Com o semblante da quimera
Os tons daquela primavera
A mais faceira

E traz mãos fechadas
E traz punhos fechados

Traz tua dor
E o teu sorriso
Traz com amor
Que amor é preciso

Vem construir nova etnia
Pois a união de noite e dia
Resulta aurora

Vem construir uma só classe
Como a do roseiral que nasce
Da mesma flora

Empunha a igualdade
E tece esta bandeira

Traz o teu porte
Para sustentá-la
Tua justiça
Para desfrutá-la

Edson Coelho
(poeta paraense)

IV - Bandeira

O terceiro texto escolhido para este trabalho foi um poema de um jovem autor paraense. Ao contrário dos anteriores, não poetiza o cotidiano diretamente nem se constrói em forma de narração, seu espaço genérico é o lirismo. Todavia, à semelhança do guri e do leiteiro, o eu-poético constrói um herói ao qual incumbe reorganizar o mundo. Para tanto vale-se o poeta do imperativo em seus versos (traz, vem, empunha) conferindo-lhes um sentido de determinação e intencionalidade. As primeiras estrofes, densamente poetizadas, descobrem o universo onírico proposto pelo poeta através de prosopopéias e metáforas. As palavras são usadas na riqueza polissêmica nelas latentes. O substantivo bandeira, título e cerne do poema, é tomado simultaneamente no campo do concreto e do abstrato. Uma bandeira deve ser desfraldada e empunhada pelo herói como símbolo de uma sociedade fraterna. Ela é também um ideal de união pelo qual se deve lutar. Quem a construirá, de um tecido especial imune a qualquer discriminação, pois o lugar é de todos, será o ideal. Este, portanto, se torna agente e paciente (Ideal = perfeição; Ideal = ideologia). Mas essa bandeira tão bela do poeta já revela em seu "semblante de quimera" a sua impossibilidade.

O paradoxo da terceira estrofe aponta o conflito entre o querer e o fazer. As mãos estendidas, numa atitude cristã, confrontam-se os punhos fechados, certeza de que a construção de uma sociedade nova, pensada pelo poeta, farse-á pelos caminhos da dor. O poeta sonha a sociedade da igualdade e da justiça. Drummond enlaçou leite e sangue para produzir a sua aurora como imagem da esperança que nasce da destruição. O poeta de "Bandeira" faz sua aurora mestiça na união de noite e dia como símbolo da igualdade.

"Nova etnia ...uma só classe como a do roseiral". O ideológico explode por conta dos mecanismos da criação poética. O poeta os direciona no seu objetivo de expressá-lo. O poema engaja-se, aproximando-se perigosamente da fronteira do doutrinário, mas para o bem da poesia não a ultrapassa. É um canto revolucionário, mas para uma revolução de sonho.

* Professor de Teoria Literária e Língua Portuguesa da UNAMA e da UEPA, Chefe de Departamento de Língua e Literatura da UNAMA.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ALAIN, Badiou. A Autonomia do Processo Estético, in Estruturalismo. Antologia de textos teóricos. Michel Foucault et alii. Lisboa, Portugal, Rio de Janeiro, Martins Fontes, S/D.
- CARNEIRO, Leão. Arte e Realidade, in Passagens da Modernidade. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, nº 69 (1982).
- PAZ, Otávio. Signos em Rotação. São Paulo, Perspectiva. 1976.
- Os Filhos do Barro. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

- 1 - LEÃO, Emanuel Carneiro. "Arte e Realidade". Revista Tempo Brasileiro - p. 121
- 2 - PAZ, Otávio. "A Consagração do Instante".
- 3 - SANT'ANNA, Afonso Romano de. "O Gauche no Tempo" Lia Editor, Rio de Janeiro, 1972 - p. 225
- 4 - MACHERY, Pierre. "Lenine, Critico de Tolstol". artigo de La Pensee. Citação de Alain Badiou.
- 5 - BADIOL, Alain. "A Autonomia do Processo Estético", Antologia dos Textos do Estruturalismo - p. 407
- 6 - Piece de Mineiro no Rio. in "A Vida Passada a Lampo."
- 7 - SANTANA, Afonso Romanos - "Carlos Drummond de Andrade. Análise de Obra". Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 3ª Edição - p. 15.
- 8 - Canto do Homem do Povo "Charles Chaplin", in Rosa do Povo.
- 9 - "Carta a Stalingrado", in Rosa do Povo.